

## O TEMA DE THE HOLLOW MEN EM HEART OF DARKNESS DE JOSEPH CONRAD \*

Sigríd Renaux \*\*

Durante a leitura de *Heart of Darkness* <sup>1</sup> (1902) impressionou-nos a grande recorrência de imagens também achadas nos poemas de T.S. Eliot, principalmente em *The Wasteland* (1922) e *The Hollow Men* <sup>2</sup> (1925). Entretanto, concentrar-nos-emos especificamente na imagem dos "hollow men" <sup>3</sup>, poema que tem como epigrama uma citação de *Heart of Darkness*: "Mistah Kurtz — he dead"<sup>4</sup>.

Se, por um lado, Marlow e Kurtz são as personagens principais do romance, o primeiro aproximando-se gradualmente do segundo para descobrir que a busca em que ele estava engajado na realidade apenas lhe revelaria o horror encontrado no âmago de Kurtz, por outro lado as personagens secundárias servem de certo modo de contraste, de pano de fundo ao caminho sinuoso que leva Marlow ao coração da África.

O tema dos "hollow men", assimilado por Eliot e transposto em seu poema de 1925, realmente atravessa todo o romance, como atravessa o poema:

\* Tradução do trabalho apresentado ao professor Graham Taylor, Exeter College, Universidade de Oxford, durante o International Graduate Summer School, julho de 1975.

\*\* Auxiliar de Ensino de Língua e Literatura Inglesa da U.F.P. Licenciada em Letras Neo-Latinas (1959) e Letras Anglo-Germânicas (1963). Mestra em Estudos Anglo-Americanos pela U.S.P. (1974), com a dissertação *Word, Image and Symbol in H.D.'s Early Nature Poetry*. Cursos de Aperfeiçoamento nas universidades de Montpellier (1967) e Oxford (1975). Diplomas de Michigan, Cambridge, English Studies e Nancy. Trabalhos publicados na Revista *Letras*: Henderson: from Chaos to Clarity (1971), *The Opposing Forces in Albee's «The Zoo Story»* (1972), *Shelley and Debussy* (1973/4). Análise do poema «Entre a Raiz e a Flor» de Jorge de Lima (1976).

1 CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. London, Penguin Books, 1975.

2 ELIOT, T.S. *Collected Poems 1909-1935*. London, Faber & Faber, 1951.

3 Homens ocios, vazios. (Nota da tradutora: a tradução literal de palavras dos textos de Eliot e Conrad visa apenas facilitar a compreensão do original inglês e não é, em absoluto, uma tradução interpretativa dos textos originais).

4 CONRAD, p. 100. «Seu» Kurtz — ele morto.

We are the hollow men  
We are the stuffed men  
Leaning together  
Headpiece filled with straw. Alas!  
Our dried voices, when  
We whisper together  
Are quiet and meaningless  
As wind in dry grass  
Or rats' feet over broken glass  
In our dry cellar

Shape without form, shade without colour,  
Paralysed force, gesture without motion;

Those who have crossed  
With direct eyes, to death's other Kingdom  
Remember us — if at all — not as lost  
Violent souls, but only  
As the hollow men  
The stuffed men. ... 5

Estes "hollow men" são os espectadores ou atores passivos na descida de Marlow às regiões interiores do cordiforme continente africano, numa linha que nunca é reta, mas, como um parafuso, sonda mais e mais profundamente o "centro da terra". E, em sua peregrinação às nascentes do rio Congo, Marlow acha não a água cristalina da inocência e juventude — O Eldorado, como o nome da Companhia de Exploração Eldorado implica — mas as águas lodosas e negras da decadência e do mal, tanto físico como moral.

Como as caveiras postadas em volta da casa de Kurtz, os "hollow men", são, de certo modo, indicadores de caminho na viagem de Marlow à procura da verdade, da cognição: eles estão tão "mortos" espiritualmente como as cabeças colocadas nos postes o estão física-

5 ELIOT. «The Hollow Men» (1ª parte). in *Collected Poems 1909-1935*:

Nós somos os homens ocos  
Nós somos os homens empalhados  
Encostados juntos  
Cabeça cheia de palha. Ai!  
Nossas vozes secas, quando  
Sussurrámos juntos  
São silenciosas e inexpressivas  
Como o vento em grama seca  
Ou pés de rato sobre vidro quebrado  
Em nosso porão seco

Figura sem forma, sombra sem cor,  
Força paralisada, gesto sem movimento.

Aqueles que atravessaram  
Com olhos fixos, ao outro Reino da morte  
Lembram-se de nós — se o fazem — não como  
Almas violentas perdidas, mas apenas  
Como os homens ocos,  
Os homens empalhados...

mente — e tão repugnantes também, em suas diferentes graduações de “hollowness” ou de “greyness”<sup>6</sup>. Na realidade, é o fato de eles não serem nem negros nem brancos que mais os indicia aos olhos de Marlow e aos nossos próprios olhos. O “negrume” do coração de Kurtz<sup>7</sup> atinge a súbita percepção de Marlow como um mal menor do que os corações “empalhados”<sup>8</sup> dos “hollow men”, usando as palavras de Eliot. Kurtz atravessou — como Marlow está atravessando — “com olhos fixos ao outro Reino da morte”<sup>9</sup>, a África, apenas para ter visto o seu “horror” — uma “alma violenta perdida”<sup>10</sup> como é a de Kurtz — enquanto aos “hollow men” nem lhes é permitido fazer isso, “sombras sem cor!”<sup>11</sup> que eles são.

E, como na peregrinação de Dante através do Inferno, não há estrelas na descida de Marlow ao “inferno” africano, nem mesmo quando ele volta à civilização — contrastando com o poema de Eliot, em que há uma “estrela esvaecente”<sup>12</sup> e com o próprio Inferno da *Divina Comédia*, à cuja saída Virgília e Dante vêem as estrelas. Em sua jornada ao desconhecido, Marlow está rodeado de “peregrinos” com diferentes “profissões”<sup>13</sup>, cada qual com uma estória diferente para contar (quase como nos *Canterbury Tales*, com uma torção sardônica) — a estória de sua ineficiência e maldade.

Assim, se os quatro ouvintes da narrativa de Marlow (a bordo da “Nellie”) podem ser considerados como não engajados, não comprometidos — excetuando talvez o narrador em primeira pessoa — é realmente nos europeus “brancos” que Marlow encontra ao chegar na África, que vamos concentrar nossa atenção.

De acordo com a natureza estéril<sup>14</sup> que Marlow acha na Estação Externa — “uma caldeira rolando na grama, um truck de ferrovia tombado com a roda para o ar, partes de maquinaria deterioradas e uma pilha de trilhos enferrujados”<sup>15</sup> (que incidentalmente nos lembram um poema de Allen Ginsberg, “Sunflower Sutra”<sup>16</sup>) — ele encontra, em primeiro lugar, seis negros avançando em fila. Estes passam por Marlow “sem um olhar, com aquela indiferença mortíca

6 Qualidade do que é oco, vazio; qualidade do que é cinzento.

7 Herz (coração em alemão) e Korzeniovski (o verdadeiro sobrenome de Conrad) têm ambos uma evidente semelhança sonora com Kurtz.

8 ELIOT, 1.4: «filled with straw».

9 Ibid., 1.14: «With direct eyes, to death's other Kingdom».

10 Ibid., 1. 15-16: «lost violent souls».

11 Ibid., 1. 11: «shade without colour».

12 Ibid., 1. 28: «fading star».

13 CONRAD, p. 37: «pilgrims», «trades».

14 «Wasteland» no original, lembrando o poema de Eliot.

15 CONRAD, p. 22: «A boiler wallowing in the grass, an undersized railway truck lying on its back with its wheel in the air, pieces of decaying machinery and a stack of rusty rails».

16 «Sunflower Sutra» in *Penguin Modern Poets*, 5. London, 1970, p. 81-3.

e total de selvagens infelizes”<sup>17</sup>, o que contrasta mais ainda com o “arroganho branco e velhaco”<sup>18</sup> do guarda nativo uniformizado que o seguia.

Indo adiante, Marlow penetra “no círculo tenebroso de algum Inferno”<sup>19</sup> e tem uma visão dantesca de negros agonizantes, “sombras negras de doença e inanição, deitados confusamente na escuridão esverdeada”<sup>20</sup>. Horrorizado, ele se apressa em direção da Estação, perto da qual inesperadamente encontra um homem branco vestido com elegância, o que mais uma vez destoava estranhamente com o que Marlow vira antes. Este homem é o contador-chefe da Companhia, e seu comportamento insensível em relação ao negro moribundo em seu escritório é ainda mais realçado pela observação que faz a Marlow, para dizer a Kurtz que “tudo aqui vai muito bem”<sup>21</sup>. Apesar disso, Marlow “admira” a “grande compostura”<sup>22</sup> deste “fantochete”, o primeiro dos “hollow men” brancos que ele encontra na África, e que “mantinha sua aparência”<sup>23</sup> apesar da grande desmoralização do país.

Continuando caminho, no outro dia, à Estação Central, Marlow passa quinze dias numa rotina descrita como “acampar, cozinhar, dormir, levantar acampamento, marchar”<sup>24</sup>, acompanhado às vezes pelo som de tambores distantes — “um som misterioso, apelante, insinuante e selvagem”<sup>25</sup>. Chegando à Estação Central, Marlow vê “homens brancos com longos bastões nas mãos emergindo languidamente por entre os prédios”<sup>26</sup> olhando-o e desaparecendo de novo. Esta é a primeira visão de Marlow dos “peregrinos”, os negociantes da Companhia, levando seus “bastões” e que formam mais uma vez uma espécie de cenário para a primeira entrevista de Marlow com o gerente.

Com seu “sorriso” furtivo, que ao mesmo tempo “não era um sorriso”<sup>27</sup>, o gerente dá a Marlow uma sensação “inconfortável”<sup>28</sup>. Como o próprio gerente dissera, “os homens que vêm até aqui não deveriam ter entranhas”<sup>29</sup>, palavras que se tornam simbólicas pelo

17 CONRAD, p. 23: «without a glance, with that complete deathlike indifference of unhappy savages».

18 Ibid., p. 23: «a large, white, rascally grin».

19 Ibid., p. 24: «into the gloomy circle of some Inferno».

20 Ibid., p. 24: «black shadows of disease and starvation, lying confusedly in the greenish gloom».

21 Ibid., p. 27: «everything is very satisfactory».

22 Ibid., p. 27: «great composure».

23 Ibid., p. 26: «Kept up his appearance».

24 Ibid., p. 28: «camp, cook, sleep, strike camp, march».

25 Ibid., p. 28-9: «a sound weird, appealing, suggestive, and wild».

26 Ibid., p. 30: «white men with long staves in their hands appeared languidly from amongst the buildings».

27 Ibid., p. 31: «— a smile — not a smile —»

28 Ibid., p. 31: «uneasiness».

29 Ibid., p. 31: «Men who come out here should have no entrails».

sentido oculto — este homem aqui é “hollow” porque perdeu as entranhas espirituais, isto é, seu aspecto exterior civilizado esconde uma apática negligência em relação ao ambiente, permitindo que a loucura da cobiça traga destruição à terra e ao negro. Ele é o epítome de um “hollow man”, inspirando “nem amor nem medo, nem mesmo respeito”<sup>30</sup>.

Depois, Marlow passa alguns meses trabalhando no conserto do barco e, uma noite, encontra o jovem agente do gerente — na realidade, seu espião, que tenta “sondar” Marlow acerca de suas conexões européias. Este “oleiro” que não tem nada a construir parece a Marlow um “Mefistófeles de papel mascado”<sup>31</sup>, em sua ambição mesquinha de se tornar vice-gerente. Sua única ocupação parece ser intrigar enquanto não se acharia “nada dentro dele, a não ser um pouco de sujeira”<sup>32</sup>.

Em seguida obtemos rápidos vislumbres do capataz um caldeireiro branco, desprezado pelos peregrinos porque ele realmente trabalhava: ele não é um “hollow man” e portanto é estimado por Marlow, para quem trabalhar significa “a chance de achar nossa própria realidade”<sup>33</sup>. Inesperadamente, os “piratas” da Expedição de Exploração Eldorado chegam, e sua conversa é descrita por Marlow como sendo “atrevida sem arrojo, gananciosa sem audácia, cruel sem coragem”<sup>34</sup>, numa esplêndida sequência de oxímoros corroborando a “hollowness” dos homens. Estes são dirigidos, em sua carência de “propósito moral”, pelo tio do gerente, cujos olhos estão cheios de “astúcia sonolenta”<sup>35</sup>.

Por uma conversa que Marlow casualmente ouve entre o gerente e seu tio, na praia, ele percebe que Kurtz representa não apenas um perigo para as futuras promoções deles, mas permanece também uma incógnita para os mesmos, pela maneira que agiu, há um ano. Seus planos de abandonar Kurtz enfermo e sem provisões, é apenas outra ilustração de seu código moral, de que “pode-se fazer tudo neste país”.<sup>36</sup> Quando ambos voltam à estação, “eles pareciam arrastar penosamente colina acima suas sombras ridículas, de alturas diferentes”.<sup>37</sup>

Subir o rio, mais e mais para dentro do “coração das trevas”,<sup>38</sup>

30 CONRAD, p. 31: «neither love nor fear, nor even respect».

31 Ibid., p. 37: «à papier-maché Mephistopheles».

32 Ibid., p. 37: «would find nothing inside but a little loose dirt, maybe».

33 Ibid., p. 41: «the chance of finding your own reality».

34 Ibid., p. 43: «reckless without hardihood, greedy without audacity, and cruel without courage».

35 Ibid., p. 44: «sleepy cunning».

36 Ibid., p. 46: «anything can be done in this country».

37 Ibid., p. 48: «they seemed to be tugging painfully uphill their two ridiculous shadows of unequal heights».

38 Ibid., p. 50: «heart of darkness».

era como "retornar aos primórdios do mundo".<sup>39</sup> Marlow sente, na "realidade esvaecente"<sup>40</sup> de sua viagem em direção a Kurtz, que ele está dirigindo um vagão como um "homem de olhos vendados"<sup>41</sup> numa estrada ruim. Os canibais que ajudaram a vadear o barco a vapor formam, por outro lado, um contraste salutar aos "hollow men" que Marlow encontrara, porque "eram homens com os quais se podia trabalhar" e eles "não se devoravam mutuamente"<sup>42</sup> na presença de Marlow, como os outros homens brancos faziam, metaforicamente.

Os brancos que Marlow encontra em diferentes estações rio acima parecem estar "cativos por uma magia",<sup>43</sup> enquanto o vislumbre que ele tem dos nativos nas margens, com seus gritos, batendo os pés e oscilando os corpos, nos transmite que eles são livres — novamente num estranho contraste com a primeira cena que vimos, quando Marlow chega à Estação Externa. Aqui, os nativos podem mostrar sua verdadeira força, eles ainda são verdadeiros homens, eles ainda não se tornaram "hollow men", ainda não perderam sua vitalidade, não se tornaram as máscaras grotescas, as "sombrias" ambulantes da Estação Externa, física e espiritualmente submetidos a seus contrapartes, os "hollow men" brancos.

O foguista de quem Marlow cuida, no barco, parece ser uma etapa intermediária entre a verdade primitiva e selvagem representada pelos canibais do "coração das trevas" e os selvagens explorados pelos brancos — ele é um "selvagem destribalizado" porque ainda tem cicatrizes ornamentais e seus dentes são "afilados",<sup>44</sup> enquanto cuida dos instrumentos de medição de vapor e água do barco.

A cinquenta milhas dentro do campo de ação da Estação Interna, Marlow encontra uma cabana de juncos, dentro da qual acha uma mensagem e um livro sobre a arte de navegar. Tão interessado fica, naquela selva, que perde a noção de tempo, até que o gerente e os peregrinos a bordo, raivosos, o chamam de volta à realidade deles, de "hollow men". Então procedem, ou melhor, "se arastam em frente",<sup>45</sup> por causa da rápida correnteza em sentido contrário (simbólica, para Marlow, da dificuldade em achar seu verdadeiro "eu", na direção de Kurtz).

Eles ancoram no meio do rio e, na neblina branca da manhã seguinte, Marlow e os peregrinos quase enlouquecem de medo ao ouvir um súbito grito na margem. Novamente o contraste é estabelecido entre o pavor na expressão dos "hollow men" brancos e a expressão

39 CONRAD, p. 51: «travelling in the night of first ages».

40 Ibid., p. 49: «fading reality».

41 Ibid., p. 49: «a blindfolded man».

42 Ibid., p. 49-50: «they were men one could work with... they did not eat each other».

43 Ibid., p. 50: «captive by a spell».

44 Ibid., p. 52: «filed».

45 «Crawl on» no original.

"alerta mas tranquila"<sup>46</sup> nos rostos de seus companheiros negros. O "comedimento" destes é admirado por Marlow, não apenas em relação ao medo mas também em relação à fome, pois "medo nenhum pode resistir à fome, paciência nenhuma pode saciá-la":<sup>47</sup> apesar de comerem a "insalubre"<sup>48</sup> carne estragada de hipopótamos, os negros têm melhor aspecto do que os peregrinos "insalubres", contrastados com a atitude estoica dos primeiros.

Apenas uma milha e meia abaixo da Estação Interna, o barco a vapor é subitamente "atacado" por nativos, que atiram enxames de flechas nos homens a bordo. Uma lança mata o "piloto louco" de Marlow, outro nativo "destribalizado" cuja dupla identidade — ele não é nem mais um nativo, nem ainda um homem civilizado — novamente o relaciona com os "hollow men" brancos. Sua morte é de certo modo simbólica das forças profundas que estão em ação naquele "coração das trevas" da mesma maneira que os brancos no centro da África parecem estar cativos, o Continente Negro também se vingando dos nativos que tentam tornar-se "civilizados", ao abandonar seu status primitivo de selvagens "irracionais".

Na morte do piloto temos uma visão burlesca de um "peregrino" de "pijamas cor-de-rosa, muito excitado e esbaforido"<sup>49</sup> na porta. Ele não foi nem mesmo capaz de dirigir a embarcação, após a morte do piloto. Tanto os peregrinos como o gerente ficam então "escandalizados" quando Marlow atira o cadáver do piloto ao rio, enquanto outro peregrino fica "fora de si" de alegria que a matança dos nativos vingara o supostamente morto Kurtz.

Finalmente, o último "hollow men" que encontramos antes de chegar a Kurtz é um russo, à beira do rio, e que se assemelha a um "arlequim" com sua roupa remendada, sua "alegria", tão inconsciente do que "iria acontecer a ele quanto um nenê", o que se torna aparente em seu rosto "inexpressivo".<sup>50</sup> Esta estúpida inconsciência do que a vida é coloca-o ao lado dos outros "hollow men", mesmo se ele não ficou desmoralizado como os outros, por causa de sua insensatez. Foi até sugerido que se poderia ver neste russo uma projeção da juventude de Marlow, enquanto Kurtz seria uma projeção do outro "eu" de Marlow, do qual ele estava à procura, em sua viagem à África.

Concluindo, devemos lembrar-nos que esta descrição dos diferentes tipos de "hollowness" achados nas personagens secundárias de **Heart of Darkness** constitui apenas uma pequena fração da significação total da obra, mas uma fração crucial para a avaliação das duas personagens principais da obra, Marlow e Kurtz. Além disso, es-

46 CONRAD, p. 57: «alert... but... quiet».

47 Ibid., p. 60: «restraint»; «no fear can stand up to hunger, no patience can wear it out».

48 Ibid., p. 61: «unwholesome».

49 Ibid., p. 66: «in pink pyjamas, very hot and agitated».

50 Ibid., p. 75: «what would happen to him as a baby»; «featureless».

te levantamento mostraria como houve um enriquecimento recíproco entre *Heart of Darkness* e *The Hollow Men*, pois o tema no romance é uma das chaves para a compreensão do poema, enquanto *The Hollow Men* aprofunda e amplia nossa visão das personagens do romance.

#### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- CONRAD, Joseph. *Heart of Darkness*. London, Penguin Books, 1975. 111 p.  
ELIOT, Thomas Stearns. *Collected Poems 1909-1935*. London, Faber & Faber, 1961. 191 p.  
PENGUIN modern poets. Harmondsworth, 1971. v. 5.

#### Resumo

O presente artigo visa mostrar a estreita relação existente entre as personagens secundárias de *Heart of Darkness*, romance de Joseph Conrad, e o tema de *The Hollow Men*, poema de T. S. Eliot. Conclui-se que, apesar de Eliot ter sido influenciado pela obra de Conrad, que lhe é anterior, por sua vez o poema também nos ajuda a interpretar as personagens de Conrad, num processo de mútuo enriquecimento.

#### Summary

The aim of this article is to show the deep relationship which exists between the secondary characters in Joseph Conrad's *Heart of Darkness*, a novel, and the theme of T. S. Eliot's poem *The Hollow Men*. As a conclusion, one could say that although Eliot has been influenced by Conrad's work, written many years before, the poem itself also helps us to interpret Conrad's characters, in a doubly enriching process.